

O Sistema Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Sisema) neste momento, não foram observadas alterações na qualidade das águas e na biodiversidade que indiquem a extinção da vida no rio Paraopeba, reservatório da Usina Hidrelétrica (UHE) de Três Marias pela pluma de rompimento da barragem B1 da Vale.

As informações fazem parte da Nota Técnica Conjunta do Instituto de Meio Ambiente e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis publicada na última terça-feira, 26 de março. A publicação rebateu os rumores nos últimos dias sobre a morte do rio Paraopeba e a contaminação.

Conforme a Nota, os dados oficiais de qualidade de água fornecidos pelo Departamento de Gestão das Águas (Igam), a Agência Nacional de Águas (ANA), a Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa) e pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM) em pontos distribuídos ao longo da bacia, contemplando inclusive Retiro Baixo e Três Marias, e não indicam a chegada do rejeito abaixo da barragem de Retiro Baixo, no atual momento, afirmar sobre quando ou se o rejeito chegou ao rio em Três Marias.

Considerando ainda o tempo médio que a água leva para atravessar as barragens das UHEs após chegar a elas, que é de 50 dias para Retiro Baixo e 30 dias para Três Marias, de que o desastre ocorreu a cerca de 60 dias, não há evidências temporais.

tenham ultrapassados os reservatórios.

O monitoramento da biodiversidade ao longo da bacia corrobora com tal afirmação, uma vez que até o momento não foram identificados impactos a jusante de Retiro Baixo que indiquem a chegada do rejeito. Episódios de mortandade de peixes que apresentam evidência de relação com o desastre ocorreram de forma aguda logo após a ruptura da barragem e novamente após chuvas mais fortes, mas permaneceram concentradas no trecho mais impactado, de cerca de 44 km, entre a foz do córrego Ferro e Carvão (ponto em que os rejeitos atingiram o Paraopeba) e a barragem da Usina Termoeletrica (UTE) localizada em Juatuba-MG. Nos demais trechos houve apenas recolhimentos esporádicos de carcaças.

Mesmo no trecho mais afetado, peixes vivos, ovos e larvas viáveis têm sido coletados, indicando que, mesmo após o desastre, parte da ictiofauna continua na região. Entretanto, os espécimes que sobreviveram ainda estão sob condições inadequadas e poderão ter funções biológicas comprometidas, acarretando em mudanças comportamentais, redução de crescimento, redução da taxa reprodutiva e até mesmo morrerem (Nota Técnica nº 3/2019/CEPTA/DIBIO/ACMBio).

Importante salientar que essa avaliação inicial tratou exclusivamente dos impactos agudos da passagem do material extravasado da Barragem B1 da Vale. Possíveis efeitos crônicos sobre a biodiversidade aquática serão investigados ao longo do tempo, dentro dos programas de monitoramento da biodiversidade que serão implementados. A presença de peixes vivos nos trechos afetados também atesta a qualidade sanitária dos mesmos, sendo que tal tema também é objeto de investigação pelos órgãos

ntr

É inegável que o rompimento da Barragem I do complexo da mina do Feijão em